

A articulação comunitária como processo para emancipação e protagonismo comunitário: uma experiência do projeto Comunidade na Ativa¹

Luiz Estevão Moreira Paiva²

Tatiane Sirlene Moreira da Silva³

Márcia Mansur Saadallah⁴

RESUMO

O presente artigo visa compartilhar a experiência extensionista do projeto *Comunidade na Ativa* da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), e tem como objetivo contribuir com o fortalecimento de vínculos comunitários entre famílias e moradores(as) da Vila São Vicente. Esta contribuição ocorre por meio da oferta de espaços lúdicos, vivenciais, participativos, educativos, políticos e reflexivos na comunidade, buscando potencializar práticas comunitárias mais horizontais e descentralizadas, na intenção de promover o protagonismo, a garantia de direitos e a mudança social. A partir da realidade social estabelecida na comunidade e o atual cenário político e social brasileiro, o projeto atua com a comunidade na busca por dirimir as desigualdades e violências estruturais constituintes da história do Brasil, que, conseqüentemente, atravessam o cotidiano das pessoas envolvidas no projeto. Com o intuito de refletir sobre o fazer da psicologia social comunitária, destacamos, neste trabalho, os processos de articulação comunitária como potência para transformação social, uma vez que produz um conhecimento com e para a comunidade.

Palavras-chave: potências; afetos; transdisciplinaridade; psicologia latinoamericana.

Articulación comunitaria como proceso de emancipación y protagonismo comunitario: una experiencia del proyecto Comunidade na Ativa

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo compartir la experiencia extensionista del proyecto *Comunidade na Ativa* de la Pontificia Universidad Católica de Minas Gerais (PUC Minas), y tiene como objetivo contribuir al fortalecimiento de los lazos comunitarios entre las familias y los residentes de Vila São Vicente. Esta contribución se da a través de la provisión de espacios recreativos, vivenciales, participativos, educativos, políticos y reflexivos en la comunidad, buscando potenciar prácticas comunitarias más horizontales y descentralizadas, con la intención de promover el protagonismo, la garantía de derechos y el cambio social. Partiendo de la realidad social establecida en la comunidad y del actual escenario político y social de Brasil, el proyecto pretende actuar con la comunidad en la búsqueda de la superación de las desigualdades estructurales y de la violencia que forman parte de la historia de Brasil y que, en consecuencia, afectan a la vida cotidiana de las personas implicadas en el proyecto. Para reflexionar sobre el hacer de la psicología social comunitaria, destacamos en este trabajo los procesos de articulación comunitaria como potencia de transformación social, ya que produce conocimiento con y para la comunidad.

Palabras-clave: potencias; afectos; transdisciplinariedad; psicología latinoamericana.

¹ Projeto fomentado pela Pró-Reitoria de Extensão da PUC Minas.

² Bacharel em Psicologia pela PUC Minas. Graduando em Antropologia pela UFMG. Foi extensionista do projeto Comunidade na Ativa. E-mail: luizestevaomp@gmail.com

³ Bacharel em Psicologia pela PUC Minas. Foi extensionista do Projeto de Comunidade na Ativa. E-mail: tatianesirlenemoreira@gmail.com

⁴ Psicóloga Social, Mestre em Ciências Sociais e Professora da Faculdade de Psicologia da PUC Minas. Foi coordenadora do Projeto de Extensão Comunidade na Ativa. E-mail: marciamansurbh@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

A Vila dos Marmiteiros – ou Vila São Vicente – é uma das mais antigas vilas da capital mineira e tem origem datada em 1944. A comunidade foi formada a partir de uma ocupação realizada por trabalhadores(as) da indústria de Belo Horizonte e seu nome decorre da alimentação dos (as) moradores (as) por meio de marmitas. Composta por aproximadamente 300 famílias, a comunidade está localizada em um pequeno território no bairro Padre Eustáquio. Atravessada pelas políticas de mortes impostas pela lógica capitalista-neoliberal e pelas desigualdades e violências estruturais, hoje a comunidade luta pela presença de políticas públicas no território e, de forma autônoma, buscam desenvolver atividades para o fortalecimento comunitário diante de iniciativas como o Centro Cultural de Capoeira Cordão de Ouro – ou Senzala –, fundado pelo capoeirista Grão Mestre Dunga, um dos fundadores da Vila, e a Associação Comunitária – em fase de retomada.

A partir da aproximação em 2020 de estudantes da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), realizamos diversas atividades junto à comunidade. Perante o cenário pandêmico, as ações se voltaram para o enfrentamento do contágio do coronavírus e campanhas de arrecadação de materiais para lidar com as consequências deste período. Posteriormente, em parceria com o Laboratório de Psicologia Social e Direitos Humanos, iniciamos atividades para o fortalecimento e potencialização da comunidade e, então, em 2022, o projeto se transformou em extensão universitária da PUC Minas.

Assim, o projeto Comunidade na Ativa tem como objetivo contribuir com a consolidação de vínculos comunitários entre familiares e moradores(as) da Vila São Vicente, por meio de espaços lúdicos, vivenciais, participativos, educativos, políticos e reflexivos na comunidade, buscando potencializar práticas comunitárias mais horizontais e descentralizadas, na intenção de promover protagonismo, garantia de direitos e mudança social. Nesse sentido, o presente trabalho objetiva refletir sobre as atividades desenvolvidas no processo de articulação comunitária, ainda em curso, na Vila dos Marmiteiros, em que se busca o fortalecimento e potencialização de moradores e referências comunitárias, visando criar processos de emancipação, autonomia e protagonismo comunitário.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As práticas realizadas pelo projeto referido baseiam-se no viés epistemológico da psicologia social comunitária e latinoamericana, em que o conhecimento se constrói

dialeticamente, de forma contextualizada e com significado para as pessoas envolvidas. Nesse sentido, baseados na realidade brasileira, compreendemos os fluxos que atravessam e constituem a nossa sociedade, para, então, transformá-la, sendo este, segundo Gonçalves (2010), um dos papéis da psicologia.

Andrade e Vaitsman (2002) fazem uma análise sobre o contexto brasileiro abordando a dificuldade de sobrevivência, as falhas da educação e a baixa renda como fatores que despotencializam e dificultam a mobilização das maiorias populares em torno de interesses comuns. Tais pontos contribuem para uma manutenção do *status quo* e para a baixa capacidade de organização, participação e atividade da sociedade civil. Somado a isso, Sawaia (2004) traz o conceito de sofrimento ético-político enquanto uma dor mediada pelas injustiças sociais, isto é, trata-se do sofrimento de estar submetida à exclusão, à fome e à opressão, enquanto sabe-se que esse sofrimento não pode ser sentido como dor por todos. Sendo assim, à luz dessas reflexões, o projeto Comunidade na Ativa pretende atuar mediando ambientes em que indivíduos com realidades semelhantes se agrupam para buscar, desejar e escolher caminhos para sua qualidade de vida e da sua comunidade.

Ao estimular o fortalecimento de redes, será fortificada a criação e mediação de novas formas de intervenção nas comunidades, potencializando os serviços já existentes e favorecendo novas iniciativas. Apoiados nas contribuições de Andrade e Vaitsman (2002), entendemos que ao fazer referência ao apoio social mediado pelas redes, visualizamos os aspectos positivos das relações sociais, sendo elas multiplicadoras de momentos para compartilhar vivências e informações, bem como o auxílio coletivo em momentos de maiores dificuldades ou crise, e a participação em festas, comemorações e eventos sociais que evidenciam a potência de viver. “Um envolvimento comunitário, por exemplo, pode ser significativo fator psicossocial no aumento da confiança pessoal, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas” (Andrade; Vaitsman, 2002, p. 928). Assim, este fazer é importante ao passo que indica enfoques tanto para o fortalecimento das comunidades, como para a formação crítica e comprometida de estudantes da PUC Minas.

Ainda, apostamos na utilização de metodologias participativas como ferramenta para contribuir com a compreensão e transformação da realidade comunitária. À medida que se compreende o ser humano enquanto agente transformador do ambiente em que vive, ao mesmo tempo que é transformado por ele, é preciso se atentar nas inter-relações. Desse modo, o fazer se coloca como contracorrente aos moldes tradicionais de trabalho, os quais não visualizam a importância de se trabalhar os afetos para além da lógica individualista. A partir das contribuições do filósofo holandês Baruch Espinosa sobre afetividade, entende-se que corpo e

mente são indissociáveis, gerando uma relação causal com o poder do corpo de ser afetado e sua potência de ação no mundo (Sawaia, 2009). Desse modo, a inter-relação dos sujeitos com o ambiente a partir dos afetos pode ser mobilizadora e potencializar a ação, ou desmobilizadora, aprisionando e conduzindo à passividade (Bomfim *et al*, 2018). Sawaia (2009), inspirada em Espinosa e Vygotsky, aborda que

[...] a emoção e a criatividade são dimensões ético-políticas da ação transformadora, de superação da desigualdade, e que trabalhar com elas não é cair na estetização das questões sociais, ou solipsismo, mas sim um meio de atuar no que há de mais singular da ação política emancipadora. (Sawaia, 2009, p. 366).

Tendo como base essa perspectiva relacional entre sujeito e ambiente, a afetividade atua como uma “via integradora para a compreensão do território e de suas vulnerabilidades” (Bomfim *et al*, 2018, p. 199), uma vez que ela considera a relação sujeito e ambiente enquanto possibilidades de ação potente. Nesse sentido, nossa proposta de realização de um mapeamento afetivo se baseia em captar e aprofundar questões sobre o território, suas vulnerabilidades, necessidades, demandas e potencialidades, mas também em identificar as possíveis ações futuras desejadas para o território, como um caminho para a sensação de pertencimento entre os moradores da comunidade, participação e transformação social.

3 METODOLOGIA

O projeto de extensão propõe, a partir de metodologias participativas orientadas pela psicologia social comunitária e latinoamericana, o desenvolvimento de intervenções psicossociais, realizadas por meio de ações coletivas junto à comunidade, de forma que, diante do processo reflexivo e interventivo, se co-construa uma análise crítica das relações sociais vivenciadas e, ao mesmo tempo, se produza ações sobre o mundo com objetivo de transformar a realidade posta.

Nesse sentido, as intervenções são potentes na medida que visam o desenvolvimento da autonomia dos sujeitos frente à sobredeterminação histórica (Afonso, 2011). Para tais ações, diante da complexidade da realidade, é importante ressaltar a necessidade de ações transdisciplinares e que sejam construídas na valorização dos múltiplos saberes, exigindo o protagonismo e envolvimento de todos os que participam no processo.

Para isso, utilizamos as oficinas psicossociais (Afonso, 2006), a articulação de redes (Gonçalves *et al*, 2015), a elaboração do mapa afetivo (Cruz, 2018) e a elaboração do diagnóstico da realidade da comunidade, a partir do estabelecimento e fortalecimento de

vínculos e afetos (Sawaia, 2009), possibilitando o estabelecimento de relações entre as diversas pessoas que buscam a melhoria da comunidade.

Assim, a partir de encontros contínuos, buscamos nos fazer presente dentro da comunidade, ocupando e trabalhando com o território. Desse modo, é possível acolher as demandas e articular a participação dos(as) moradores(as) em processos que visem o desenvolvimento da Vila, elaborando propostas para a melhoria das condições de vida.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Durante a realização das atividades desenvolvidas no projeto de extensão referido, buscamos trabalhar constantemente com a noção de “comunidade”. Bauman (2003 apud Sales e Dias, 2015) nos apresenta o termo para se referir a um local onde fidelidade, liberdade e segurança são valores que coexistem. Dessa forma, durante a execução do projeto “Comunidade na Ativa”, ressaltamos a importância de se manter um vínculo com a Vila dos Marmiteiros considerando esses aspectos.

O projeto busca articular e abranger propostas de atividades que contemplem a grande maioria dos moradores e moradoras da Vila. Assim, desenvolvemos atividades com as mulheres, crianças, jovens e referências da comunidade, de forma a alcançar os grupos em suas diferentes complexidades, trabalhando com temas pensados conjuntamente.

Brusamarello *et. al* (2011, *apud* Eslabão *et. al*, 2012) destaca a relevância da partilha de vivências, problemas e soluções em conjunto, por meio de redes de apoio, que possibilitam trocas afetivas, melhora da autoestima e maior sensação de pertencimento. Dessa forma, pode-se observar a importância da proposta de grupos-oficina e reuniões com os diferentes indivíduos da comunidade, que criam espaços, conjuntamente aos extensionistas, para trocas entre si, fortalecimento de vínculos e desenvolvimento de autonomia.

Inicialmente, criamos, em parceria com algumas referências, um grupo de mulheres da Vila, que se mostraram interessadas na participação e na criação dos encontros. Esses acontecem quinzenalmente, com duração média de duas horas, na igreja de uma pastora residente da Vila, que disponibilizou o local para as reuniões - sendo essas de cunho não religioso. Durante as discussões, desenvolvemos temas relacionados à identidade e questões de gênero, em que é possível, por exemplo, explorar o sentimento de fazer parte de algo e as potencialidades das mulheres e do grupo.

Além de trabalharmos com as mulheres, realizamos algumas dinâmicas com as crianças da Vila. Inicialmente, foram feitas as atividades no Centro Cultural de Capoeira Cordão de

Ouro, e, posteriormente, o trabalho passou a ser realizado com os encontros que já eram desenvolvidos na comunidade por referências comunitárias. Desse modo, o grupo ocorre em um espaço aberto aos sábados, quinzenalmente, e tem duração média de 2 (duas) horas. Desenvolvemos, em conjunto, processos criativos envolvendo desenho e dobraduras de papel, rodas de conversa, nas quais eram discutidos temas como a identidade, pertencimento e questões étnico-raciais, além de temas do cotidiano da comunidade, trazidas pelas crianças nas atividades lúdicas e na convivência com as extensionistas.

Já com o grupo de adolescentes e jovens, o trabalho está sendo estabelecido de maneira incipiente, uma vez que esses se encontram desarticulados. Assim, os(as) extensionistas têm buscado a aproximação e a construção de vínculos a partir de encontros informais ao circular dentro do território, em que é possível conhecer a realidade destas pessoas e, a partir disso, buscar a construção de oficinas que possuam contexto e significado. Nesse sentido, participamos e organizamos, por exemplo, partidas de futebol com os jovens e ensaios para quadrilha da festa junina.

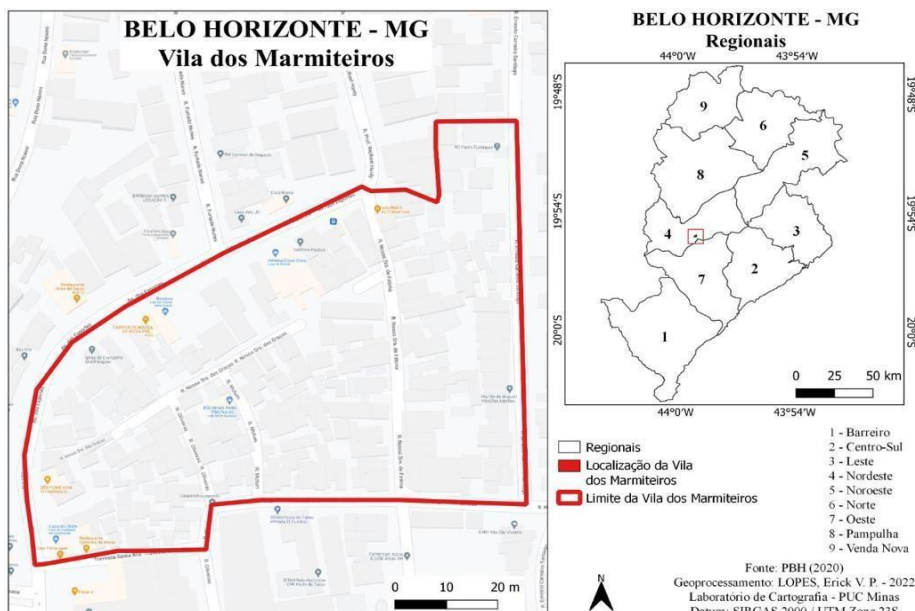
Paul (2005) traz a importância da epistemologia transdisciplinar, que pode ser observada como um novo paradigma em resposta ao pensamento positivista e estratificado, que divide o saber em áreas distintas e que instaura um despotismo epistemológico monista e materialista. Tendo o indivíduo uma realidade múltipla, que é biológica, cultural, geográfica, psicológica, social, entre outras, torna-se necessário um processo de formação transdisciplinar que articule os olhares cruzados de diferentes ópticas, visando a uma “antropoformação” (Paul, 2005, p. 14).

Nesse sentido, visando adotar a esta transdisciplinaridade, o projeto de extensão articula suas práticas com diferentes saberes, destacando-se as áreas da Psicologia e da Geografia. Assim, entre as atividades desenvolvidas, além das anteriormente citadas, encontramos a realização de uma articulação comunitária, que compõe todo o processo do trabalho com a comunidade. No que tange a essas atividades, buscamos ressaltar um movimento de autonomia com os(as) moradores(as). Desse modo, a articulação perpassa desde encontros formais, até encontros informais e comemorativos, envolvendo as referências locais e outros participantes externos.

Também elaboramos um diagnóstico social local, com o refinamento de um questionário preenchido pelas famílias, como uma ferramenta para compreender a realidade da comunidade. Foram coletados dados quantitativos e qualitativos ao haver uma relação com os moradores. Dessa forma, a fim de expandir as possibilidades de execução do diagnóstico, realizamos o georreferenciamento do território, em que foi possível realizar uma análise

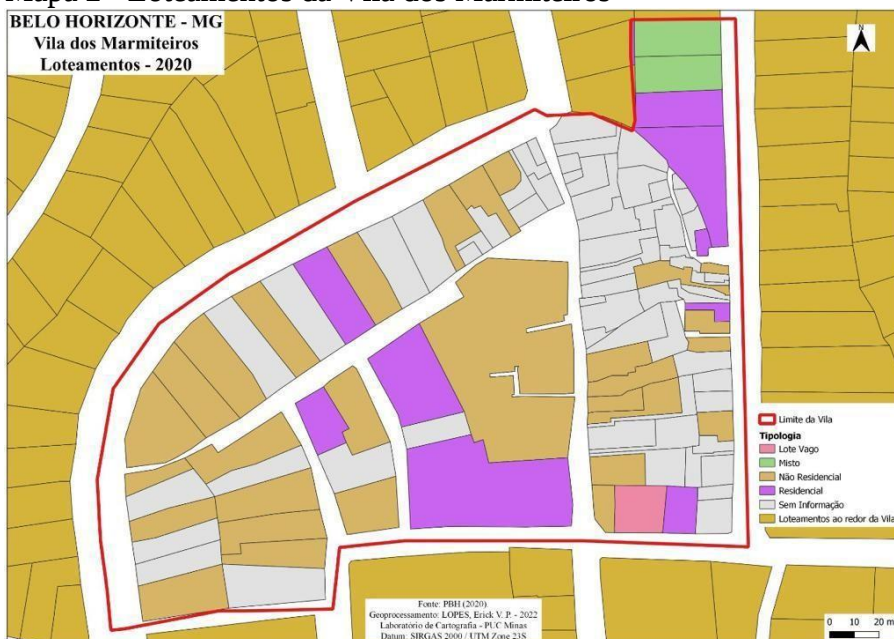
geográfica e local da região e, então, contextualizar o nosso fazer, conforme imagens a seguir.

Mapa 1 - Regionais e localização da Vila dos Marmiteiros



Fonte: produzido pelos próprios autores (2022)

Mapa 2 - Loteamentos da Vila dos Marmiteiros



Fonte: produzido pelos próprios autores (2022)

É importante, por fim, ressaltar que os expostos acima não esgotam as possibilidades de práticas que continuamos desenvolvendo pelo projeto de extensão, em conjunto aos(as) moradores(as) da Vila São Vicente. Pelo contrário, abrem um amplo leque de potencialidades, afetos e trocas envolvidos em todo o processo de construção com a comunidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As desigualdades e violências estruturais, decorrentes do capitalismo neoliberal implantado globalmente, persistem e acarretam em diversas consequências para pessoas negras, pobres e periféricas, que se encontram desprovidos de recursos e deixados à deriva nas políticas de morte. Sabendo da responsabilidade que possui a produção do conhecimento dentro dos espaços acadêmicos, torna-se necessário que esses ultrapassem os muros das universidades e atuem junto às comunidades, visando dirimir essas consequências e transformar a realidade social na qual se atua.

Percebemos que o trabalho tem sido efetivado na medida que a intervenção permite a criação de vínculos e articulação comunitária, bem como possibilita a construção de saberes que visam a superação da lógica assistencialista e acrítica, o que proporciona a transformação social. Sendo assim, conforme foi ressaltado ao longo deste artigo, há, de forma ativa, uma intensa movimentação por parte da comunidade como forma de reafirmar sua autenticidade e autonomia, vistos não enquanto atores secundários, mas, sim, protagonistas e co-atuantes nessa formação.

Dessa maneira, o processo de articulação ocorre também por diferentes meios de organizações e diálogos, ressaltando o que se trata de uma construção que se engendra a partir de múltiplos agentes, tanto estudantes quanto moradores. O trabalho com a Vila dos Marmiteiros é de contínua criação, formação e reformulação, à medida que as realidades, dificuldades e as potencialidades se desvelam. Por isso, as atividades e construções, em geral, representam as etapas iniciais de um longo trabalho que se objetiva desenvolver, sempre visando, com tal articulação, um processo emancipatório e potente.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. **Oficinas em dinâmica de grupo: Um método de intervenção psicossocial**. In: AFONSO, M.L.M. (Orgs.). *Oficinas em dinâmica de grupo: Um método de intervenção psicossocial*. São Paulo - SP, Casa do Psicólogo, 2006, p. 9-61.

AFONSO, Maria Lúcia Miranda. Notas sobre sujeito e autonomia na intervenção psicossocial. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 445-464, dez. 2011

ANDRADE, Gabriela R. B.; VAITSMAN, Jeni. Apoio social e redes: conectando solidariedade e saúde. **Revista Ciência e Saúde Coletiva**, n. 7, v. 4, p. 925-934, 2002.

BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Afetividade como potência de ação para enfrentamento das vulnerabilidades. In: LIMA, Aluísio Ferreira de; ANTUNES, Deborah Christina; CALEGARE, Marcelo Gustavo Aguilar. (Orgs.). **A Psicologia Social e os atuais desafios**

ético-políticos no Brasil. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015, p. 375-389.

CRUZ, Lais. Mapa Afetivo: o que é, para que serve e como fazer um para a sua cidade.

Agenda Pública, São Paulo, 28 dez. 2018. Disponível em:

<https://www.agendapublica.org.br/news/mapa-afetivo-o-que-e-para-que-serve-e-como-fazer-um-para-a-sua-cidade/>. Acesso em 15 jun. 2022.

ESLABÃO, Adriane Domingues et al. Grupo Oficina de mulheres dependentes químicas: um relato de experiência. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 11, n. 4, p. 808-812, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/15408> Acesso em: ago. 2022

GONÇALVES, Betânia Diniz; SAADALLAH, Márcia Mansur; QUEIROZ, Isabela Saraiva de. Articulando redes, fortalecendo comunidades: intervenção psicossocial e articulação entre universidade, comunidades e políticas públicas. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, 10(1), São João del-Rei, janeiro/junho 2015.

GONÇALVES, Maria das Graças M. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas**. São Paulo: Cortez Editora, 2010.

PAUL, Patrick. Transdisciplinaridade e antropofomação: sua importância nas pesquisas em saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 14, p. 72-92, 2005. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bzXTMCMGvNqPYvNybcyFNWb/abstract/?lang=pt>.

SALES, Alice Marques; DIAS, Fernando Cotta Trópia. Psicologia Social Comunitária.

Revista Brasileira de Ciências da Vida, v. 6, n. 1, 2018. Disponível em:

<http://jornalold.faculdadecienciasdavid.com.br/index.php/RBCV/article/view/478>

SAWAIA, Bader Burihan. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. São Paulo: Vozes, 2004.

SAWAIA, Bader Burihan. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade** [online]; 21 (3): 364-372, 2009.